Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

O BULLYING E OS DANOS À SAÚDE MENTAL

BULLYING AND DAMAGE TO MENTAL HEALTH

Emília de Rodat Ribeiro Marques[1]
Emanuel Costa de Melo[2]
Gilsandra de Lira Fernandes[3]
Jonas Oliveira Menezes Júnior [4]
Alexsandra Layani Faustino de Andrade[5]
Rosângela Guimarães de Oliveira [6]

RESUMO - Objetivo: Com objetivo principal de mostrar a partir de uma revisão sistemática da literatura referente os danos à saúde mental causados pelo *bullying*; e como objetivos específicos, identificar os participantes e os fatores que os levam à prática da violência, e descrever formas de combate e prevenção. Foram então utilizados 23 artigos entre os anos de 2009 e 2017 pesquisados através do Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal (Redalyc), a Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILCS). A análise dos artigos proporcionou a discussão do conteúdo distribuído em 4 categorias: como identificar o *bullying* e quais os fatores associados? contexto social do *bullying*, as consequências do *bullying* e os danos à saúde mental, formas de prevenção e combate. Conclui-se que há um desconhecimento quanto ao assunto e enquanto não houver fortalecimento e conscientização das crianças e adolescentes no ambiente escolar referente as diferenças entre eles, o respeito à essas diferenças e um olhar mais

[1]Psicóloga, formada pela Faculdade Santa Maria, e-mail: emiliarribeiro@gmail.com.
[2]Bacharel em Educação Física pela Universidade Potiguar, Natal/RN, Brasil. Especialista em Saúde da Família com Ênfase nas Linhas de Cuidados, Universidade Federal da Paraíba/UFPB, João Pessoa, PB. Brasil, E-mail: emmanuelcmelo@gmail.com
[3]Enfermeira, especialista em Auditoria em Serviço de Saúde, e-mail: gilsandrafernandes@hotmail.com.
[4]Psicólogo Clínico, e-mail: menezessespb@gmail.com.
[5]Enfermeira, especialista em Saúde Coletiva pela FSM, e-mail: lalinhaenf@hotmail.com.
[6]Doutora em Eduacação pela UFPB, Mestre em Educação pela UFPB, e-mail: fisioro9@gmail.com.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

direcionado às causas dos atos de violência que podem ser identificados no ambiente em que estes jovens convivem, os olhos continuarão fechados para o *bullying*. Portanto, o trabalho precisa ser realizado em conjunto: família, escola e comunidade, para que consigam encontrar as melhores soluções e a violência escolar seja reduzida.

Palavras-chave: Bullying; Danos; Saúde mental; Prevenção.

ABSTRACT - Objective main objective is to show from a systematic review of the literature regarding the damage to mental health caused by bullying; and as specific objectives, identify the participants and the factors that lead them to practice violence, and describe ways of fighting and prevention. A total of 23 articles were used between 2009 and 2017 through Google Academic, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Network of Scientific Journals of Latin America and the Caribbean, Spain and Portugal (Redalyc), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) and Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILCS). The analysis of the articles provided the discussion of the content distributed in 4 categories: how to identify bullying and what factors?, the social context of bullying, the consequences of bullying and damages to mental health, prevention and combat. It is concluded that there is an ignorance on the subject and as long as there is no strengthening and awareness of the children and adolescents in the school environment regarding the differences between them, respect for these differences and a more directed look at the causes of acts of violence that can be identified in the environment in which these young people live, the eyes will remain closed for bullying. Therefore, the work needs to be done together: family, school and community, so that they can find the best solutions and school violence is reduced.

Keywords: Bullying; Damages; Mental Health; Prevention.

INTRODUÇÃO

De acordo com Malta et al. (2014), o *bullying* é originado da palavra *bully,* em que traduzido do inglês significa “valentão”. É caracterizado por atos de violência, nos quaisl o *bully* (agressor) se dirige a uma vítima, considerada vulnerável, provocando

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

insultos repetitivos com o objetivo de diminuir, humilhar e/ou constranger sem nenhum motivo aparente.

Araújo e Gomes (2014) abordam que o tema foi inicialmente pesquisado nos anos 1970, na Universidade de Bergen, na Noruega, pelo professor Dan Olweus, que investigou sistematicamente sobre o *bullying*, porém, há registros, segundo Shults et al. (2012) e Andrade (2013), de que esse fenômeno ganhou força a partir da década de 1990 no Brasil, sendo que "apelidar" se tornou algo recorrente no ambiente escolar entre jovens e crianças, considerado um dos motivos para um crescimento no número de suicídios na Europa e despertando o interesse de estudiosos em Portugal, Espanha e Estados Unidos.

Para Pereira (2002), essa agressão pode ser cometida por um pequeno grupo ou por um só indivíduo de forma frequente e em período prolongado. Ocorre, então, de forma direta, através de apelidos, agressões e ameaças, e indireta, por meio do isolamento, indiferença e *cyberbullying*, gerando danos psicológicos às vítimas (BARROS; CARVALHO; PEREIRA, 2009).

Além das formas de *bullying* mencionadas acima, ainda é possível categorizá-las quanto à tipologia:

> Bullying Verbal (consiste em insultar, gozar, chamar nomes e humilhar"); Bullying Físico (bater, dar socos, empurrões, pontapés, agressões com objetos, entre outros); Bullying Psicológico (o agressor manipula a vítima emocionalmente e recorre muitas vezes à chantagem e/ ou ameaça);Bullying Social/Relacional (tem como objetivo isolar a vítima do resto do grupo e dos colegas, recorrendo a comentários abusivos, insultos, atitudes cruéis, ameaças, exclusão ou ignorar); Bullying Sexual (caracteriza-se pelo contacto físico sem o consentimento da vítima. Pode ainda contemplar os gestos obscenos, os pedidos de favores sexuais, o relacionamento obrigado, mensagens com teor sexual, entre outros); Ataques à propriedade (englobam os comportamentos de furto, de extorsão e de destruição deliberada de materiais e/ou objetos da vítima); *Cyberbullying* (o tipo de *bullying* mais recente e consiste na utilização dos meios proporcionados pelas tecnologias de informação e comunicação para ofender e causar danos à vítima) (ANDRADE, 2013, p.15-16).

O *cyberbullying* é muito recorrente no Brasil, onde se utilizam de redes de relacionamento para espalhar rapidamente mensagens de injúrias, já que esse meio de comunicação garante, de certa forma, o anonimato e a impunidade. Os agressores

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

recorrem a e-mails, blogs, *The Microsoft Network* (MSN Messenger) como uma forma de multiplicar as injúrias causando o constrangimento das vítimas, como ocorre no mundo virtual, e passa a ser encarado com alto grau de perversidade, pois as consequências não podem ser calculadas (SCHULTZ et al., 2012; BARROS, CARVALHO; PEREIRA, 2009).

Diniz (2016) cita que através do *cyberbullying* o agressor pode agredir a vítima por meio de sites de relacionamentos, como o *facebook*, divulgando fotos íntimas da mesma sem o seu consentimento, este ato é denominado de *revenge porn,* no qual se age de forma anônima e através de perfis falsos.

Os autores Cunha (2015), Barros, Carvalho e Pereira (2009), Freire e Aires (2012) apontam os protagonistas do *bullying*, sendo seus alvos, as vítimas, àquelas que sofrem o *bullying*, e se apresentam passivas, quietas e inseguras, mesmo que se sintam prejudicadas não esboçam reação e nem buscam ajuda, gerando a falta de vontade em ir à escola. Futuramente podem se tornar agressores, reproduzindo o *bullying*. Os agressores ou autores são os praticantes do *bullying*. Estes possuem um perfil dominante, agressivo, impulsivo e não seguem regras. Acreditam que suas vontades devem ser atendidas e sentem-se recompensados quando ganham poder e status. Normalmente vivem em um ambiente familiar com pouco relacionamento afetivo e falha na educação.

Ainda para os autores citados acima, os alvos e autores são aqueles que tanto praticam quanto sofrem o *bullying*. As testemunhas ou observadores não praticam o ato, porém observam o que acontece e geralmente não reagem, preferem se calar para não serem também prejudicados. Mas ainda há aquelas testemunhas que incentivam o agressor.

Na maioria das vezes, essas ações passam despercebidas por adultos, como professores, diretores e pais, já que há predomínio no ambiente escolar, no qual negam a ocorrência desse fenômeno, ou por desconhecerem ou por não estarem dispostos a enfrentá-lo. Como consideram essas atitudes apenas como brincadeiras de criança, não dão a devida importância, o que acaba gerando dessa omissão os comportamentos agressivos (SCHULTZ et al., 2012; LEÃO, 2010).

O valentão, ou *bully*, apesar de não ter motivo aparente para praticar tais atos, acredita que possui motivos suficientes para isso, geralmente alimentados por preconceito. Vale ressaltar, que as práticas do *bullying* não ocorrem somente na relação entre crianças e adolescentes, apesar de ter uma maior incidência, elas também podem ser encontradas nas relações entre professores e alunos e nas relações entre adultos no ambiente profissional, sendo considerado como assédio moral (LEÃO, 2010; CUNHA, 2015).

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Tal violência e agressão são algo que vem comprometendo a saúde mental das pessoas, tanto pela segregação que elas sofrem, como também pelos estigmas impostos. De fato, o *bullying* não se assemelha às brincadeiras entre amigos de colégio, ou de trabalho, de outrora, nos tempos dos nossos avós, que partiam da inocência de crianças e de momentos de descontração, com criação de uma caricatura entre colegas; muito distinto, se mostra como ato de ódio, rancor, ironia, disputa, e tantos outros sentimentos, que fazem com que, quem sofre a agressão se sinta a pior das pessoas, ou seja, seres humanos maltratando outros seres humanos!

Diante dos estudos aqui realizados, o artigo possui como objetivo geral mostrar a partir de uma revisão sistemática da literatura os danos à saúde mental causados pelo *bullying* e como objetivos específicos apontar os participantes e os fatores que os levam à prática da violência; além de identificar os meios sociais, nos quais ocorrem; e descrever as formas de combate e prevenção do *bullying*.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como exploratória-descritiva, com abordagem qualitativa e se baseia no método de revisão sistemática da literatura. Este método focaliza em uma determinada questão, seleciona as fontes primárias, analisa e avalia o conteúdo buscando os pontos mais relevantes e registra informações de forma abrangente explicitando os resultados encontrados (GALVÃO; PEREIRA, 2014).

Por ser passível de reprodução, o método de revisão sistemática é muito utilizado na área da saúde de forma a nortear projetos de pesquisa, portanto, a reunião dos conteúdos encontrados no material pesquisado gera resultados com novos conhecimentos, partindo de uma revisão metodologicamente delineada para que esta se torne o mais imparcial, precisa e atualizável possível (NEVES et al., 2017; MOSCARDI et al., 2018).

Os dados coletados passam por uma triagem, na qual é realizada leitura de título e do resumo para uma seleção inicial e, logo após, a leitura completa de todo o conteúdo existente para o embasamento da revisão (BRASIL, 2012).

Para que isto ocorra é preciso que seja rigorosa tecnicamente, tornando possível a identificação de falhas nas pesquisas existentes e um aprofundamento neste conteúdo descoberto, reunindo evidências para que um problema específico seja interpretado e avaliado (MOSCARDI et al., 2018).

Como forma de esclarecer, a partir da literatura, os fatores causadores do *bullying* e maneiras de combatê-los, parte-se dos seguintes questionamentos: Quais os danos à

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

saúde mental causados pelo *bullying*? Como se apresenta o contexto social deste tipo de violência? Quais as formas de prevenção e combate ao *bullying*?

Primeiramente, buscou-se definir o objetivo da pesquisa, realizar buscas literárias utilizando os critérios de inclusão e exclusão, onde os artigos foram selecionados de acordo com seu título e categorias, sendo escolhidos os que mais se adequavam ao objetivo da pesquisa, depois disso os dados mais relevantes foram coletados, os resultados encontrados, discutidos e apresentados por meio da conclusão da revisão de forma crítica.

Os artigos encontrados foram pesquisados através do Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal (Redalyc), a Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILCS) utilizando das palavras: *Bullying*, Histórico, Fatores associados, Danos à Saúde Mental, Combate e Prevenção.

O levantamento dos estudos foi realizado entre novembro de 2017 e maio de 2018, no qual foram selecionados 23 artigos entre os anos de 2009 a 2017, levando em consideração como critério de inclusão artigos tanto em português quanto em espanhol e inglês com buscas entre os anos de 2009 e 2018. Foi assim possível e incluso, artigos com diversidade de delineamento metodológico de forma a abranger a temática pesquisada, tornando viável a realização de leituras e fichamento dos mesmos para embasar os resultados encontrados.

Sendo assim, por se tratar de uma revisão de literatura que não envolve seres humanos, não necessitou da apreciação e aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Contudo, foram respeitados os preceitos éticos, bem como as ideias com autenticidade dos autores mencionados, com alusão e referência aos mesmos.

RESULTADOS

A tabela 1 traz a relação dos artigos pesquisados e utilizados para a discussão, além dos achados e o ano respectivo de cada uma para facilitar a discussão dos resultados encontrados. Após a apresentação dos artigos, inicia-se então, a discussão proposta.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

Tabela 1: Relação de artigos para discussão por revista e ano.

ARTIGOS	ACHADOS	REVISTA	ANO
Albino e Terêncio	Análise jurídica e psicológica do fenômeno conhecido como *bullying*, com vistas ao seu combate e prevenção; *Bullying* ligado a amplas problemáticas sociais, como a intolerância e o preconceito; Relações entre o *bullying*, o ato de disciplina e o ato infracional; Necessidade de estabelecimento de um novo equilíbrio entre a responsabilidade escolar e a judicial no que tange ao combate do *bullying*; Propostas para sua prevenção, apontando para a necessidade de intervenções em âmbito sistêmico.	Revista Eletrônica do CEAF	2012
Antunes	Assédio moral associado a problemas de saúde; Impacto em termos sociais, psicológicos e psicossomáticos nas vítimas, familiares e colegas de trabalho; Afeta a satisfação e o envolvimento profissional; Assédio moral também designado por *bullying;*	Psicologia, Saúde e Doenças	2017
Arroyo e Bofill	A percepção que tem as crianças do ciclo superior sobre o bullying; Em que cenárop da escola se produzem mais esses comportamentos; Os diferentes tipos de *bullying* (físico, exclusão social e verbal);	Educación XXI	2015

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

	As crianças recebem mais *bullying* físico, enquanto nas meninas predomina o tipo verbal e exclusão social; No sexto ano há mais exclusão social do que no quinto ano. Onde se produzem mais condutas de *bullying* é no pátio, seguido pela sala de aula quando o professor não se encontra;		
Bandeira e Hutz	Interação entre sexo e papéis de *bullying* em relação à autoestima; No grupo de vítimas/agressores, os meninos apresentaram média superior de autoestima em relação às meninas; Em relação aos meninos, o grupo de testemunhas apresentou maior média de autoestima que o grupo de vítimas; Em relação às meninas, o grupo de agressoras apresentou média mais alta que o grupo de vítimas/agressoras; O *bullying* apresenta diferentes implicações na autoestima de meninas e meninos envolvidos em diferentes papéis.	Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional	2010
Caetano, Bonvicini e Camilo	Forma de prevenir e amenizar os impactos do assédio moral; Assédio moral, seus reflexos na saúde mental do trabalhador e a possibilidade do trabalho do psicólogo; O assédio moral pode desencadear o aumento das doenças mentais,	Psicologia e Saúde em debate	2017

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

	atingindo tanto a esfera emocional, social, familiar, quanto à saúde e estrutura financeira do trabalhador.		
Carretón-Ballester e Lorenzo-Solá	1 em cada 4 alunos sofrem algum tipo de assédio em seus centros escolares; Deficiências substanciais para promover uma campanha de orientação e extensão pública desde a gestão pública para que seja eficaz; A maioria das mensagens se concentra em três atores: assediador, vítima e observadores; Uma campanha, guia e / ou protocolo efetivo em sua prevenção deve envolver um mapa de público muito mais amplo.	Revista Internacional de Relaciones Públicas	2016
Cortês e Dantas	O *Bullying* é um termo da língua inglesa (bully = tirano, valentão) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas; Ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia; Realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder; Presente desde sempre na vida escolar dos seres humanos;	Anais do Congresso Internacional de Educação e Inclusão, CINTEDI	2014
Fernandes, Yunes e Taschetto	Reflexões sobre o *bullying* escolar; *Bullying* definido como prática violenta intencional praticada entre pares, com desigualdade de poder,	Revista Sociais & Humanas	2017

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

	que prejudica as relações humanas, com consequências e mudanças nas características biopsicológicas dos envolvidos; Promoção de expressões de desenvolvimento positivo e de resiliência.		
Ferreira e Tavares	Possíveis transformações de atitude agressiva em atitudes de companheirismo e solidariedade, respeito e amizade; Necessidade de desenvolvimento de ações de prevenção ao agressor; Família e os educadores estejam atentos a qualquer sinal de ação agressiva; Não há métodos diagnósticos prontos para se determinar o *bullyinista;* Pode-se utilizar nas escolas o desenvolvimento de ações preventivas que visam a conversão de ambientes violentos em espaços de convivência amigável.	Revista da Católica	2009
Frick	Formas de resolução de conflitos adotadas pelos professores; Relação entre os estilos de resolução de conflitos que os professores e alunos usam com a incidência e a perpetuação do bullying; Importância em preparar os profissionais da educação para trabalhar com conflitos interpessoais e com o bullying;	Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia	2011

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

	Estratégias de prevenção e erradicação do bullying.		
Frick	Ações de informação, sensibilização e conscientização que incidem nas relações interpessoais de modo mais amplo; Como fomentar a vida democrática, a cooperação, as relações de amizade e o apoio no ambiente escolar; Criação de regras e à capacitação profissional; A melhora das relações interpessoais, enfatizando os sistemas de apoio entre os alunos; o desenvolvimento emocional e a autoestima; o ensino de valores sociomorais, via desenvolvimento de habilidades sociais e desenvolvimento moral; a capacitação docente e das famílias; Estratégias governamentais brasileiras relacionadas à legislação *antibullying* aprovada em 19 estados.	Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia	2016
Gonçalves, Gonçalves e Lima	Significativa incidência de 'brincadeiras' de mau gosto; Entre os alunos e entre alunos e funcionários da escola; Baixa autoestima sofrida pelos alunos; Freqüentes trocas de ofensas, apelidos e comentários maldosos entre os alunos;	IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE	2009

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

	Até mesmo nas produções escritas essas ofensas têm sido mencionadas; Comportamento agressivo entre os alunos com seus vocabulários inadequados para a idade e suas produções textuais refletindo o que sentem quando agredidos verbal ou fisicamente.		
Khoo	O *mobbing* (*bullying*) acadêmico é um comportamento não violento, sofisticado para "desgastar" um colega emocionalmente; Estes são direcionados para o alvo através de mentiras e justificativas para que eles fiquem "ocultos" e seja difícil de provar; Valentões usam atividades de *mobbing* para esconder suas próprias fraquezas e incompetência; Os alvos selecionados são geralmente inteligentes, inovadores, grandes empreendedores, com boa integridade e princípios; As atividades de assédio normalmente progridem através de cinco fases estereotipadas que começam com um conflito menos não resolvido entre dois trabalhadores, e, finalmente, se transforma em um *mobbing* sem sentido; O resultado é sempre sofrimento físico, mental, social ou doença e,	Malaysian family physician: the official journal of the Academy of Family Physicians of Malaysia	2010

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

	mais frequentemnte, expulsão do alvo do local de trabalho; Conscientização pública, educação, aconselhamento efetivo, estabelecimento de políticas e legislações *antibullying* são necessárias para contero *mobbing* acadêmico.		
Silva Júnior	O bullying vem sendo um problema mundial, podendo ocorrer praticamente em qualquer contexto no qual a pessoa está interagindo principalmente na escola; O bullying é considerado hoje como um fenômeno que traz consequências psicológicas e pedagógicas, para as crianças e adolescentes como também para seus familiares; Além de Transtornos emocionais, baixo rendimento na vida letiva e até formando adulto, agressivo e sem tolerância; Que consequências o bullying acarreta na vida das crianças e dos adolescentes, bem como na vida escolar e na sociedade.	Anais do Congresso Internacional de Educação e Inclusão, CINTEDI	2014
Moura, Cruz e Quevedo	O tipo de intimidação mais prevalente foi o verbal, seguido do físico, emocional, racial e sexual; O *bullying* se manteve associado com sexo masculino, com	Jornal de Pediatria	2011

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

	hiperatividade, e problemas de relacionamento com os colegas; Entre as vítimas, 47,1% também provocavam *bullying*.		
Mussalem e Castro	Se define bullying como uma dinâmica de maltrato sistemática que ocorre entre iguais de maneira persistente; É considerado um problema de saúde pública devido a sua prevalência e as consequências que tem em todos os seus participantes; As investigações mostram efeitos a curto, médio e longo prazono desenvolvimento emocional e social de crianças e adolescentes; Foi verificado uma relação de bullying com patologias físicas, saúde psicossomática mental em crianças, adolescentes e na vida adulta.	Revista Médica Clínica Las Condes	2015
Oliveira et al.	Relações entre o contexto familiar e o envolvimento em situações de *bullying* escolar; Sentimentos dos pais em relação aos filhos; Algumas características e aspectos familiares estavam associados ao envolvimento de estudantes em situações de *bullying*.	Psico - USF	2015
Pigozi e Machado	A adolescência é uma etapa de intensas mudanças fisiológicas, psíquicas e relacionais; Cerca de 20% dos adolescentes (em todo mundo) apresentam	Ciência & Saúde Coletiva	2015

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

	problemas de ordem mental e comportamental, sendo que metade das ocorrências dos transtornos mentais inicia-se antes dos 14 anos; Depressão e suicídio são fatores que contribuem significativamente para o aumento de doenças e de mortalidade entre os adolescentes; O *bullying* é definido como uma subcategoria de violência, configurada em atos agressivos, repetitivos e com assimetria de poder entre pares; No Brasil, somente passou a ser objeto de Estudo a partir do final da década de 90 e início do ano 2000; Para que o *bullying* ocorra é necessário que os indivíduos convivam por um período prolongado em um mesmo contexto ou ambiente; *Cyberbullying*, violência entre pares que ocorre no espaço virtual, é outro tipo de *bullying* que vem sendo amplamente; Falta de compreensão desta faixa etária sobre o que é o bullying e a escassez de estratégias de manejo deste tipo de agressão estudado;		
Rosa	Causas que levam ao bullying e como este	Revista Fórum Identidades	2010

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

	Interfere no processo ensino aprendizagem; Constata-se a complexidade dos fatos, estes atingem diretamente os valores culturais e morais da sociedade provenientes de problemas familiares e/ou sociais; O caminho apontado está no diálogo e prevenção em casa e na escola, com o apoio de profissionais capacitados.		
Sampaio et al.	Grande quantidade de participação dos estudantes investigados em atos de *bullying* (39,6%), dos quais 22,2% eram vítimas e 17,4% agressores; Raiva foi a emoção prevalentemente experimentada pelas vítimas durante as agressões que sofriam; Os agressores, em sua maioria, relataram que o fato de agredirem seus colegas não gerou emoções; A alta prevalência do *bullying*, suas características e as consequências negativas por ele acarretadas o configuram em problema de saúde pública.	Texto Contexto Enferm	2015
Sierra	O fenômeno do *bullying* ou assédio escolar vem aumentando sua prevalência para se tornar um problema de preocupação global; Fatores de risco e vulnerabilidade; Consequências do *bullying*; Fatores de risco associados ao *bullying*.	CES Psicologia	2012

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

Silva	Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas; Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis; Os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas; Estudos revelam um pequeno predomínio dos meninos sobre as meninas; As consequências são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões;	Cartilha 2010: Projeto Justiça nas Escolas	2010
Zoega e Rosim	Um em cada sete estudantes estava envolvido em casos de *bullying;* Olwens publicou o livro *Bullying at School* (1993), onde propõe políticas de intervenção e faz um diagnóstico de sinais ou sintomas possíveis de agressores e vítimas; Também no Brasil, eventos trágicos têm chamado a atenção dos especialistas e do público em	Revista Unar	2009

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

	geral para a questão do *bullying* nas escolas; Também em nosso país, a partir de 2006, começaram a ser implantados, em muitas escolas, Programas de prevenção ao *bullying* que tanto prejudica a autoestima do estudante e afeta, profundamente, o processo de aprendizagem.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2018.

Finalizada a pesquisa e seleção dos artigos, foi realizada leitura dos seus conteúdos, discutidos com ênfase em 4 categorias: como identificar o *bullying* e quais os fatores associados; contexto social do *bullying*; as consequências do *bullying* e os danos à saúde mental; e as formas de prevenção e combate.

COMO IDENTIFICAR O *BULLYING* E QUAIS OS FATORES ASSOCIADOS?

Em dado momento a criança ou adolescente pode apresentar falta de vontade em frequentar a escola sem revelar o motivo, queixa-se de mal-estar ao sair de casa, demonstra timidez, vergonha e ansiedade, insiste em mudar de escola, cai o rendimento escolar, perde o interesse nas atividades propostas, se isola, apresenta desconfiança, falta às aulas ou abandona a escola. Esses são alguns sinais comuns apresentados por Silva Júnior (2014) que podem ajudar a identificar o *bullying*.

As vítimas do *bullying*, geralmente acometidas pelo medo e insegurança, não buscam ajuda, são identificadas por não terem muitas amizades, serem mais afastadas dos demais e não reagirem às provocações, ocasionando em prejuízos escolares e principalmente na saúde física e mental (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011).

Gonçalves, Gonçalves e Lima (2009) acrescentam que ainda é possível perceber se a criança ou adolescente volta com a roupa suja frequentemente ou material escolar rasgado, além de hematomas pelo corpo, necessidade de dinheiro, a criança ainda pode mudar o trajeto e/ou pedir para que seja acompanhada até a escola.

O sexo masculino e alunos jovens são apontados por Silva (2010), como predominantes nos atos violentos do *bullying*, tornando-se mais aparente por utilizarem

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

de força física, já as meninas costumam praticar o *bullying* através fofocas e causando isolamento.

Nesse sentido, os sinais são mais aparentes, pois apresentam-se no corpo e nas mudanças de comportamento das vítimas de *bullying*, portanto, é preciso ficar alerta a essas mudanças para que a identificação precoce possa contribuir em intervenções imediatas e mais efetivas.

Para Oliveira et al. (2015), a estrutura social familiar e de conformação podem determinar a prática do *bullying*, apontando em sua pesquisa sistemática três características recorrentes: o estado civil dos pais, a condição socioeconômica e a escolaridade dos mesmos. Os autores chegaram à conclusão de que famílias, nas quais um dos pais é o responsável, há uma maior associação com o fenômeno, principalmente se os filhos não presenciaram união conjugal, além disso um nível socioeconômico baixo é também considerado ligado ao *bullying*, contando com o estado civil e a escolaridade dos pais.

Sendo assim, os autores explicam que a monoparentalidade relacionada ao *bullying* se deve ao tempo reduzido para a interação dos pais com os filhos, gerando estresse e consequentemente uma falha no clima familiar que influencia no comportamento agressivo das crianças. Quanto ao fator socioeconômico, este se constitui como um causador da intolerância à diversidade e ao preconceito, intimamente ligado ao *bullying*. Já a questão de escolaridade dos pais pode gerar déficit intelectual para os filhos interferindo na falta de instrução quanto às habilidades sociais.

Situações de violência no âmbito familiar também são mencionados por Ferreira e Tavares (2009) e Oliveira et al. (2015) como influenciadores do *bullying*, pois o exemplo absorvido no ambiente doméstico pode ser reproduzido na escola, principalmente se utilizado desta violência para disciplina, aplicando punição na educação das crianças e adolescentes. Tal fato também é considerado causador do *bullying*, em que segundo FRICK (2011), a criança ou adolescente chega a vivenciar uma criação autoritária e violenta e relações deficitárias com a falta de diálogo e afeto.

Dessa forma o *bullying* estará associado à delinquência, quando Zoega e Rosim (2009) afirmam que a vítima poderá tornar-se um adulto agressivo quando a agressão sofrida na infância não for superada, causando problemas nos relacionamentos, no ambiente de trabalho, em casa e chegando a reproduzir os mesmos atos sofridos.

Quando a família costuma utilizar de provocação em relação à aparência das crianças e adolescentes na fase escolar, além de possuírem uma comunicação inadequada, contribui para o envolvimento nos casos de *bullying*. Adicionado a isso, é apontado que a saúde mental familiar (casos de depressão ou psicopatologia materna, por exemplo) e

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

casos de pais alcoólatras ocasionam os sentimentos de insegurança e vulnerabilidade, influenciando nos comportamentos de *bullying* (OLIVEIRA et al., 2015).

Por outro lado, para Albino e Terêncio (2012), a família pode contribuir para a vitimização, se for configurada como superprotetora, causando a insegurança na vítima do *bullying*, principalmente se houver uma intrusão e monitoramento excessivo da criança ou adolescente por parte dos pais.

Situações de risco e vulnerabilidade, como o uso de álcool e drogas, comportamentos de risco, questões de saúde mental, como a depressão, ideação suicida são descritas por Bandeira e Hutz (2010) como adicionais para que a prática do *bullying* ocorra, no qual tanto agressores como vítimas/agressores estão inclinadas.

Contudo, as práticas do *bullying* tornam-se recorrentes dependendo do ambiente e se este está propício aos atos, sendo produto de questões sociais, na maioria das vezes não levadas em consideração na relação com este tipo de violência, sendo descrito a seguir em quais contextos sociais geralmente estes atos ocorrem.

CONTEXTO SOCIAL DO *BULLYING*

O *bullying* é mais facilmente praticado no âmbito escolar, local esse em que os jovens buscam aceitação, reafirmação e formas de se impor perante as regras. Geralmente os atos de violência são cometidos longe da supervisão de adultos, nos recreios, intervalos e locais de convivência, porém alguns cometem em sala de aula com a presença de professor que se demonstra omisso à situação (FERREIRA; TAVARES, 2009; ALBINO; TERÊNCIO, 2012).

Questões sociais, ou seja, alguns valores que são aceitos na sociedade, o costume à violência, principalmente do *bullying*, encarado como normal, culto ao corpo, a individualidade e o status social, culto à utilização de força e ideologias de alguns grupos nos meios de comunicação, a masculinidade exaltada acarretando no machismo e a exclusão social advindos do preconceito (racial, homofobia e nazismo, por exemplo), podem ser fatores possíveis para a consequência da violência referente ao *bullying,* assim como a facilidade com o porte de armas para crianças e adolescentes nos Estados Unidos da América (AVILÉS, 2007 apud FRICK, 2011; FRICK, 2016).

Uma das questões mais recorrentes é a rejeição social, no qual as vítimas quase não são escolhidas para serem melhores amigas e encontram dificuldades em desenvolver competências relacionadas à ajuda ao próximo. A evasão escolar torna-se muito comum nessa fase por considerarem um ambiente inseguro e desagradável adicionado ao estresse e baixo rendimento escolar (FRICK, 2011; ALBINO; TERÊNCIO, 2012).

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

No ambiente escolar só é possível de ocorrer ou não tais situações dependendo de como ela as desenvolve, ou seja, se é um local propício à tolerar as atitudes agressivas, por mais que não haja intenção direta, cultivando esses valores aceitos socialmente e até incentivando comportamentos de competição ou de colaboração exaltando o respeito, as relações de apego, o trabalho em participação com as famílias e comunidade ou se incentivam à comunicação e o apoio (FRICK, 2016).

Frick (2016) completa que permitir ou não as atitudes agressivas nos ambientes pode ser crucial para que agressores mais inseguros se manifestem, já que suas atitudes dependem do grau de aceitação e incentivo, ele sente-se mais corajoso quando presenciam os atos agressivos e se guiam através destes, o que é chamado de contágio social.

A sociedade em que o indivíduo está inserido contribui para a formação dos seus conceitos, caráter e princípios e é nessa fase em que ele necessita de mais atenção e de instrução sobre o que é valorizado socialmente para que não reproduza e perpetue o que há de negativo culturalmente, possibilitando assim uma quebra desses padrões que incentivam as práticas de *bullying*.

Já quando o *bullying* se perpetua até a fase adulta, influenciando no ambiente de trabalho, fala-se em assédio moral, que para Mussalem e Castro (2015) chega a atingir diretamente àqueles que presenciam as cenas, causando-lhes, também, os mesmos sintomas das vítimas e dos agressores, elevando a probabilidade de desenvolverem apatia, insensibilidade e falta de solidariedade e levando-os a praticarem a violência.

O assédio moral, ainda considerado *bullying*, ocorre sorrateiramente, inicialmente, assim como nas escolas, as provocações não são levadas à sério, uma vez que as consideram apenas como brincadeiras inofensivas e de mau gosto, até que perpassam ao nível de atingir a reputação da vítima, suas relações sociais, sua capacidade de expressão, acarretando em consequências na vida profissional, física e mental da mesma (CAETANO; BONVICINI; CAMILO, 2017).

A vítima de *bullying* passa por fases, tendo início com ataques e acusações referentes a erros ou desatenções cometidas pelas vítimas, no qual o agressor evita a comunicação direta para dar uma ordem, por exemplo, utilizando de outros meios, como correios eletrônicos e notas escritas (ANTUNES, 2017).

O autor supracitado descreve que no ambiente de trabalho, os ataques podem ser fabricados e as falsas acusações espalhadas entre os demais colegas, causando uma marginalização da vítima que é afastada dos acontecimentos no ambiente de trabalho, tendo seu profissionalismo ignorado e ridicularizado, as pessoas próximas a ela são ameaçadas a se afastarem e há uma maior atribuição de tarefas, muitas delas fora das

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

capacidades da vítima, gerando uma sobrecarga de trabalho e, em casos extremos, as levando a pedir demissão.

Para que estas situações ocorram, segundo Antunes (2017) e Caetano, Bonvicini e Camilo (2017), o ambiente precisa ser permissivo às situações, como: sobrecarregando os trabalhadores, considerando suas funções de forma negativa, além de o ambiente se configurar como competitivo e conflituoso sem apoio aos trabalhadores por parte da organização, com falhas na comunicação e com chefes autoritários ou permissivos demais, interferindo diretamente na saúde do trabalhador e na sua capacidade de criação.

Os cenários referidos acima são advindos da violência decorrente do *bullying* no ambiente laboral, também abordado em pesquisas atuais, onde o assédio moral também se configura num formato de *bullying,* Atitudes de menosprezo e constrangimento com companheiros de trabalho passaram a ser identificadas como fenômeno social, tanto entre os mesmos, como também de gestores e empresários para com os colaboradores. Faz-se necessário aqui ressaltar que todo e qualquer formato de *bullying* traz consequências danosas à saúde de quem sofre a agressão.

AS CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING* E OS DANOS À SAUDE MENTAL

O *bullying* quando sofrido na infância e quando prolongado este período estressor, pode acarretar em problemas psicológicos na criança ou adolescente quando adulto e em como atribuirão sentidos e significados às coisas. Apesar dos problemas crônicos levarem um tempo considerável para manifestação, suas consequências podem chegar ao desenvolvimento da depressão e baixa autoestima, além de problemas de relacionamentos que se constroem de maneira instável e de curta duração (SILVA, 2010; SAMPAIO et al., 2015).

A autoestima é descrita por Bandeira e Hutz (2010), como vinculada ao *bullying*, já que é considerada como fundamental para os jovens em sua socialização com os demais, se há uma autoestima baixa os mesmos terão problemas de desenvolverem a comunicação e consequentemente de se integrarem aos grupos. Além disso, associa-se à saúde mental e ao bem-estar psicológico e uma deficiência na mesma pode desencadear adoecimentos mentais, como depressão e suicídio.

Silva Júnior (2014) acrescenta que podem surgir sentimentos negativos, agressividade e sentimento de vingança, tendo como consequência os distúrbios emocionais e descontrole na personalidade, fazendo com que os atos sejam reproduzidos mais tarde.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

O nível de ansiedade de estudantes vítimas ou vítimas/agressoras do *bullying* é maior do que àqueles que não estão envolvidos e quando há envolvimento com o *cyberbullying* ocorre alterações psicológicas, que além da ansiedade, se adicionam a depressão e redução da empatia. As autoras abordam que o sofrimento do *bullying*, pode gerar pessoas apáticas, com comportamentos oscilantes, dispersas, com dificuldades para disciplina, foco e resolução de problemas, tornando-os adultos frágeis (PIGOZI; MACHADO, 2015).

As testemunhas, no ambiente de trabalho, também sofrem com um aumento de ansiedade e dores agudas, já que presenciam as situações e na maioria das vezes são coagidas e ameaçadas, ficando impedidas de tomarem iniciativas para as situações de violência por sentirem medo de se tornarem vítimas futuramente. As vítimas ainda são acometidas por depressão, síndrome de *Burnout*, uso e abuso de substâncias, insatisfação no trabalho, insônia, fadiga, diminuição do bem-estar que podem desencadear problemas cardíacos e diabetes (ANTUNES, 2017).

Neste ambiente, as vítimas passarão por situações de ostracismo, tendo sua rede social reduzida e o seu valor desmerecido, lhe causando sentimentos de humilhação, insegurança e inutilidade, como também as afasta dos amigos e colegas afetando a comunicação no trabalho e suas relações íntimas, sexuais, sociais e familiares (KHOO, 2010; CAETANO; BONVICINI; CAMILO, 2017).

Os *bully/vitimas* quando atuam como agressores apresentam um diagnóstico psiquiátrico de Transtorno de atenção e impulsividade, podendo ser adicionado o Transtorno Desafiador Opositivo e Transtorno de Personalidade Antissocial. Quando estes estão em posição de vítima, há uma maior probabilidade de patologia mental, como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade associado a depressão e ansiedade, além de Transtorno Desafiador Opositivo e Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) (SIERRA, 2012).

Os agressores podem se tornar delinquentes futuramente, pois aprenderam durante a infância a conseguirem facilmente as coisas por meio de ameaça e violência, já os espectadores podem se acostumar com esse ambiente agressivo no qual aprenderam um tipo de comportamento frente às situações de injustiça (ARROYO; BOFILL, 2015).

Em estudo realizado por Mussalem e Castro (2015), as vítimas de *bullying* apresentam como consequência desta violência, sintomas psicossomáticos, entre eles estão: dores no corpo (cabeça, pescoço, costas), dificuldades com o sono, falta de apetite e problemas respiratórios que podem acarretar em problemas psicológicos de curto, médio e longo prazo.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

Pigozzi e Machado (2015) adicionam que há a possibilidade de ocorrerem situações de enurese noturna (fazer xixi na cama), agressão a si próprio, pertences perdidos, roupas em mau estado, lesões pelo corpo e a criança ou adolescente se queixa de fome ao sair da escola, subtentendo ter tido o dinheiro do lanche tomado pelos agressores.

Em casos mais graves pode levar ao suicídio, homicídio e esquizofrenia e por conta das dificuldades de se relacionar provocadas pelo *bullying*, a vítima poderá desenvolver fobia social, fobia escolar, transtorno do pânico, ansiedade generalizada, anorexia e bulimia, entre outros fatores psíquicos (SILVA, 2010; ROSA, 2010).

Mencionado pelos autores Carretón-Ballester e Lorenzo-Solá (2016) a OMS (Organização Mundial de Saúde) em conjunto com as Nações Unidas, revelam um resultado alarmante sobre suicídio, no qual morrem por ano no mundo cerca de 600 mil adolescentes com idades entre 14 e 18 anos em que metade dos casos está relacionado com o *bullying*, tendo maior prevalência na Europa com um índice de 200 mil mortes por ano.

As consequências mencionadas resultam de um conjunto de comportamentos recorrentes que afetam psicologicamente os indivíduos e como estes sentem-se acuados em externalizar o que estão passando, o corpo acaba por assumir esta função, refletindo, através do adoecimento, o estresse sofrido. Para que estas situações sejam reduzidas, buscam-se medidas tanto de prevenção quanto de intervenção que serão explicitados a seguir.

FORMAS DE PREVENÇÃO E COMBATE

Para Albino e Terêncio (2012), um ambiente familiar acolhedor contribui para que o trauma seja superado, do contrário, a vítima pode se isolar socialmente como uma forma de se proteger das agressões e, segundo Oliveira et al. (2015) o suporte dos pais para com os filhos, contribui para reduzir esse ciclo violento, geralmente quando esses pais interagem com os amigos dos filhos, ajudam nas atividades escolares e possuem diálogo com eles (os filhos), a probabilidade destes se envolverem com as práticas de *bullying* decaem.

Os *bullies* costumam gerar os estereótipos, desta forma, é fundamental trabalhar a conscientização tanto nas escolas quanto em outros ambientes, não separando o agressor (como apenas àquele a ser punido) da vítima (como àquela a receber auxílio), entendendo que ambos necessitam dessa orientação Os pais devem ser inclusos na conscientização do combate do *bullying*, de forma em que sejam alertados sobre seus comportamentos

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

com os filhos que podem influenciar tanto para a violência quanto para a inibição, informando-os para a necessidade de elogiar os acertos das crianças ou adolescentes, incentivando-os a serem mais confiantes e seguros e possibilitando a denúncia. (ALBINO; TERÊNCIO, 2012).

Na escola, os profissionais precisam de orientação para identificar, diagnosticar e encaminhar os casos corretamente, entendendo que este ambiente contribui para o desenvolvimento da personalidade dos alunos e que os atos de violência podem interferir negativamente neste processo, precisando, assim, desenvolver iniciativas de forma preventiva junto à comunidade escolar (GONÇALVES; GONÇALVES; LIMA, 2009).

A moral é um dos temas importantes a serem discutidos nas escolas, pois para Gonçalves, Gonçalves & Lima (2009) ela se constrói nas relações, em que a pessoa aprende sobre limites e respeito que se estabelecem na troca de opiniões entre os sujeitos, sendo inclusa na educação o repasse dessa temática para os alunos, no convívio, lhes permitindo emitir e compartilhar seus pensamentos através da linguagem, que uma vez reprimida, reflete futuramente em dificuldades de comunicação.

É preciso também focalizar nas testemunhas e incluí-las nos programas de prevenção, pois estas tanto podem incentivar quanto inibir as ações do agressor, é necessário também promover conhecimentos sobre o assédio moral, principalmente no contexto das organizações e as formas de combatê-lo, além da intolerância zero para com estes comportamentos (ALBINO; TERÊNCIO, 2012; ANTUNES, 2017).

Silva Júnior (2014) descreve que a escola possui papel fundamental em assuntos como caráter, respeito e cidadania, devendo trabalhar isso nas salas de aula com o objetivo de formar cidadãos conscientes e que saibam se proteger dessas situações violentas, então, segundo Fernandes, Yunes e Taschetto (2017), trabalhar a resiliência entre os sujeitos se faz importante para que consigam também encontrar formas de superar e enfrentar as consequências dessas situações estressantes, levando em consideração que a resiliência pode ser trabalhada em qualquer âmbito e direcionada a indivíduos, grupos e organizações.

De acordo com uma pesquisa realizada por Cortês e Dantas (2014), na cidade de Aracari-RN, as escolas buscam discutir o assunto através de rodas de conversas, diálogos e campanhas e em conjunto com a família, procuram formas de identificar situações reais e intervir com procedimentos capazes de combater. Nos casos de maior gravidade, encontram parcerias com os serviços públicos de saúde e a assistência social.

Em suas pesquisas pelo Brasil, Brasil (2012) descreve algumas intervenções governamentais com projetos de lei *antibullying*, revelando que no ano de 2015 foi criado o projeto de Lei nº 13.185 com o Programa de Combate à Intimidação Sistemática

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

(Bullying) à nível nacional, no qual estabelecimentos recreativos deveriam promover ações para prevenir, combater e diagnosticar o *bullying* e os Estados e Municípios deveriam elaborar e propagar relatórios referentes ao *bullying* para que medidas fossem tomadas. Além disso, buscar capacitar os professores, orientar pais e familiares, fornecendo apoio psicológico, campanhas educativas e estimular respeito, empatia e cidadania.

Ainda é possível a criação de programas que tenham como foco as diferenças de gêneros, já que o *bullying* para ambos é praticado e sofrido de formas diferentes. O interesse em investigar os fatores que possam estar ligados aos adolescentes envolvidos com o *bullying* pode ajudar a compreender as situações, entre elas a relação com a família e professores, o desempenho escolar e o *bullying* sofrido (PIGOZI; MACHADO, 2015).

Programas de intervenção, criados especificamente nos ambientes de trabalho, como linhas telefônicas para denúncias, de forma a intervir na prática do assédio, são defendidas por Antunes (2017) para que se crie ambientes mais seguros, além de implementarem serviços de saúde pública, considerando a saúde tanto de vítimas quanto de agressores.

As regras de comportamentos precisam ser bem estabelecidas e esclarecidas nas organizações através dos estatutos e propagado entre os colaboradores, evitando comportamentos profissionais inadequados que podem prejudicar a qualidade dos serviços, o clima organizacional, aumento na rotatividade, custos judiciais e de substituição de colaboradores, fazendo com que a imagem da empresa decaia (CAETANO; BONVICINI; CAMILO, 2017).

Segundo os autores, uma das soluções viáveis é a presença de um psicólogo na organização realizando trabalhos com treinamento de pessoas, gerando um processo educativo e de aprendizagem com o intuito de prevenir e intervir nos casos de assédio moral, podendo contar com o auxílio de outros profissionais como um pedagogo empresarial e o gestor de RH.

É oportuno aqui colocar, que as ações e o trabalho precisam ser em conjunto, na escola, se faz necessária a união de pais, corpo docente, crianças e adolescentes e a comunidade, iniciando atividades de conscientização e educação a respeito do tema e as consequências do mesmo, além de capacitação para que intervenções sejam construídas e aplicadas como forma de reduzir e prevenir a violência. Nas organizações, deve haver preocupação por parte dos gestores com o bem-estar dos colaboradores e com as situações desagradáveis que venham a ocorrer neste ambiente, pois assim torna-se possível a mediação de providências que gere um local de trabalho agradável, comunicativo e respeitoso, contribuindo para o crescimento da empresa.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

CONCLUSÕES

Diante do que foi exposto, o *bullying* é considerado um tipo de violência que pode reunir as mais variadas delas, tanto verbal, quanto física e psicológica. Sua prevalência na infância não possui tanta visibilidade por parte dos adultos devido ao ambiente no qual impera, que é a escola, em que se fecham os olhos para as consequências que pode causar às crianças e adolescentes por acreditarem em apenas brincadeiras da idade.

Essas situações de descaso adicionado ao medo para com os agressores, impede as vítimas de denunciarem a violência sofrida, gerando danos à curto, médio e longo prazo que se tornam irreversíveis e reproduzidos quando atingem a fase adulta. Ou ainda na adolescência, por não acreditarem em uma solução, podendo chegar a situações mais graves.

Dentre elas estão os danos psicológicos que se desenvolvem através dos transtornos causados pelo *bullying* e não só nas vítimas, mas também nos espectadores e agressores que podem presenciar, sofrer e talvez repetir os atos mais tarde, dificultando o seu convívio nas relações sociais, afetivas, familiares e nos ambientes de trabalho.

Em casos mais danosos, o jovem pode desencadear ideações suicidas e chegar a cometer o ato, como também se envolver em situações perigosas e delinquentes. Então, para que esse quadro seja revertido, escolas, famílias e comunidades mais alertas, buscam elaborar formas de combate e prevenção ao *bullying*, identificando as situações de violências, assim como os participantes, tomando as medidas necessárias quando a situação já está avançada e encontrando maneiras de informar a população e a escola sobre a violência em uma tentativa de reduzi-la.

Tudo isso é fundamental, para que os atos não sejam reproduzidos posteriormente, principalmente nos ambientes de trabalho, de forma a hostilizar e humilhar os demais colaboradores, levando-os ao desmerecimento profissional e até à situações constrangedoras e de demissão.

Há um desconhecimento quanto ao assunto e enquanto não houver fortalecimento e conscientização das crianças e adolescentes no ambiente escolar referente as diferenças entre eles, o respeito à essas diferenças, locais de trabalho mais conscientes e um olhar mais direcionado às causas dos atos de violência que podem ser identificados no ambiente em que estes jovens e adultos convivem, os olhos continuarão fechados para o *bullying*.

Portanto, o trabalho precisar ser realizado de forma integrada entre família, escola, comunidade e organizações para que consigam encontrar as melhores soluções e a violência seja minimizada, reduzindo também a violência cometida por vítimas do

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

bullying quando chegam à idade adulta, valorizando as potencialidades dos jovens e não menosprezando suas limitações.

É fato que as consequências do *bullying* não se encontram restringidas à fase escolar, e se prolongam ao ambiente de trabalho. Assim, a ajuda e atenção às vítimas e aos agressores, é importante no tocante a conscientização das emoções por eles vivenciados, sendo importante para que se sintam apropriados de lidar com a diversidade das circunstâncias de violência ou conflito em que estejam envolvidos.

Ações coletivas se destacam em detrimento às individuais, pois uma abordagem elencada a princípios de educação e saúde pública necessita atingir outros setores e incluir comunidade escolar, ambientes laborais e contextos sociais diversos, a partir do desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar e intersetorial, com iniciativas políticas de estímulo à inserção de profissionais da saúde nestes ambientes, para que estratégias de promoção e educação em saúde sejam desenvolvidas.

Tais ações sem dúvidas, irão oportunizar as pessoas agredidas, um ambiente entendido como seguro e favorável à manutenção de saúde mental, além da solidificação de habilidades pessoais para irem à luta por um cotidiano livre dessas atitudes desumanas e mesquinhas, que tanto fazem sofrer os agredidos nas fases mais significativas das definições dos seus "eus".

REFERÊNCIAS

ALBINO, Priscilla Linhares; TERÊNCIO, Marlos Gonçalves. Considerações críticas sobre o fenômeno do bullying: do conceito ao combate e à prevenção. **Revista Eletrônica do CEAF. Porto Alegre–RS, Ministério Público do Estado do RS**, v. 1, n. 2, 2012.

ANDRADE, Luísa Carina Figueira. Bullying e Cyberbullying: um estudo num contexto escolar particular cooperativo. **Tese de Doutorado**, 2013.

ANTUNES, José. Assédio Moral no Trabalho: Revendo a Evidência. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 18, n. 3, p. 669-680, 2017.

ARAÚJO, Jayann Batista de; GOMES, Fabio José Cardias. A perspectiva do professor diante do bullying no âmbito escolar. **Itinerarius Reflectionis**, v. 10, n. 1, 2014.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

ARROYO, Rosario Ruiz; BOFILL, María Riuró; CID, Montse Tesouro. Estudio del bullying en el ciclo superior de primaria. **Educación XXI**, v. 18, n. 1, p. 345-368, 2015.

BANDEIRA, Claudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional.** São Paulo, v.14, n. 1, jan/jun, p. 131-138, 2010.

BARROS, Paulo Cesar; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Beatriz Oliveira. Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. III Encontro Sulbrasileiro de Psicopedagogia, 2009.

BRASIL, Ministério da Saúde. Diretrizes metodológicas: elaboração de revisão sistemática e metanálise de ensaios clínicos randomizados. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. BUEHLER, Anna Maria; FIGUEIRÓ, Mabel Fernandes; CAVALCANTI, Alexandre Biasi; BERWANGER, Otávio (Orgs.). **Editora do Ministério da Saúde**, Brasília, v.1, 2012.

BRASIL. Projeto de Lei nº 236, de 2012. **Reforma do Código Penal Brasileiro**. Senado Federal, Brasilía, 2012. Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/106404. Acesso em: maio de 2018.

CAETANO, Silvana Silva; BONVICINI, Constance Rezende; CAMILO, Thiago Moura. Assédio Moral e Saúde Mental nas Organizações de Trabalho. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2017.

CARRETÓN-BALLESTER, María Carmen; LORENZO-SOLÁ, Francisco. La Teoría Situacional de los públicos en las guías sobre acoso escolar. Análisis para una campaña sobre el acoso escolar como problema social. **Revista Internacional de Relaciones Públicas**, v. 6, n. 11, p. 05-26, 2016.

CORTÊS, Túlio Gabriel Dantas; DANTAS, Maria Neuza da Silva. Bullying: um fenômeno novo, mas nada contemporâneo. In: **Anais do Congresso Internacional de Educação e Inclusão, CINTEDI.** Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2014.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

CUNHA, Ana Lígia da. Dos oito aos oitenta: bullyng sénior: emergência e preocupações acerca de um fenómeno (des) conhecido. **Tese de Doutorado**, Universidade Católica Portuguesa, 2016.

DINIZ, Maria Helena. "Bullying": responsabilidade civil por dano moral. **Revista Argumentum**, v. 17, p. 17-43, 2016.

FERNANDES, Grazielli; YUNES, Maria Angela Mattar; TASCHETTO, Leonidas Roberto. Bullying no ambiente escolar: o papel do professor e da escola como promotores de resiliência, **Revista Sociais & Humanas**, v. 30, n. 3, p. 141 – 154, 2017.

FERREIRA, Juliana Martins; TAVARES, Helenice Maria. Bullying no ambiente escolar. **Revista da Católica, Uberlândia**, v. 1, n. 2, p. 187-197, 2009.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, 2012.

FRICK, Loriane Trombini. As relações entre os conflitos interpessoais e o bullying: um estudo nos anos iniciais do ensino fundamental de duas escolas públicas. **Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia**, Universidade Estadual Paulista, 2011.

FRICK, Loriane Trombini. Estratégias de prevenção e contenção do bullying nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha. **Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia** – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016.

GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 23, p. 183-184, 2014

GONÇALVES, Silvia Regina; GONÇALVES, Margarete Virginia; LIMA, Jacques Ferreira. A Linguagem do Bullying: A Violência Refletindo na Fala e Escrita dos

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Adolescentes. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. III Encontro Sulbrasileiro de Psicopedagogia, 2009.

KHOO, Siew Beng. Academic mobbing: Hidden health hazard at workplace. **Malaysian family physician: the official journal of the Academy of Family Physicians of Malaysia**, v. 5, n. 2, p. 61, 2010.

LEÃO, Letícia Gabriela Ramos. O fenômeno bullying no ambiente escolar. **Revista FACEVV, Vila Velha**, v. 4, p. 119-135, 2010.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Bullying e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia,** v. 17, p. 131-145, 2014.

MOURA, Danilo Rolim; CRUZ, Ana Catarina Nova; QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **Jornal de Pediatria**, v. 87, n. 1, 2011.

MOSCARDI, Eduardo et al. O uso das revisões bibliométrica, sistemática e integrativa de literatura para compreender o conceito de informação turística. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 27/28, p. 1821-1830, 2018.

MUSSALEM, Ricardo B.; CASTRO, Paulina O. Qué se sabe de bullying. **Revista Médica Clínica las Condes**, v. 26, n. 1, p. 14-23, 2015.

NEVES, Leticia de Oliveira et al. Revisões sistemáticas da literatura: parte I. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, v. 8, n. 3, p. 141-143, 2017.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio et al. Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. **Psico-USF**, v. 20, n. 1, p. 121-132, 2015.

PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 11, 2015.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

ROSA, Maria José Araujo. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. **Revista Fórum Identidades**, 2010.

SAMPAIO, Julliane Messias Cordeiro et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 24, n. 2, abr/Jun, 2015.

SCHULTZ, Naiane Carvalho Wendt et al. A compreensão sistêmica do bullying. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-254, abr./jun. 2012.

SIERRA, Pilar Arroyave. Factores de vulnerabilidad y riesgo asociados al bullying (Vulnerability and risk factors associated with bullying). **CES Psicología**, v. 5, n. 1, p. 118-125, 2012.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Bullying. **Cartilha 2010: Projeto Justiça nas Escolas**. Brasília, Brasil, v.1, 2010.

SILVA JÚNIOR, Eraldo Francisco da. Como Combater o Bullying na Escola e na Sociedade. In: **Anais do Congresso Internacional de Educação e Inclusão, CINTEDI**, 2014.

ZOEGA, Maria Tereza Silveira; ROSIM, Mirivaldo Antonio. Violência nas escolas: o bullying como forma velada de violência. **Revista Unar,** Araras, v. 3, n. 1, p. 13-19, 2009.